



Corrente Proletária ESTUDANTIL



CONHEÇA NOSSO
PROGRAMA E
MILITE NO POR



Boletim estudantil do Partido Operário Revolucionário | Ano XII | n. 05 | 11 de Agosto de 2023

[f](#) [@](#) [massas.por](#) | [anchor.fm/por-massas](#) | [pormassas.org](#) | [☎](#) (11) 95446-2020

MANIFESTO DO DIA DO ESTUDANTE

Abaixo os cortes na educação e saúde! Pela Revogação do Novo Ensino Médio!

Convocar as assembleias nas escolas e universidades para organizar a luta

Que o Dia do Estudante seja o ponto de partida do movimento estudantil para enfrentar os governos e capitalistas

Exigir das centrais sindicais que convoquem um Dia Nacional de Luta

Unir as reivindicações da juventude oprimida com as da classe operária e demais trabalhadores

Formar uma oposição revolucionária ao governo burguês de Lula/Alckmin

O dia 11 de agosto, Dia do Estudante, é normalmente utilizado para realizar manifestações em defesa da educação pública no país. As entidades estudantis oficiais, UNE, UBES, ANPG etc., chamaram para as manifestações deste ano com a plataforma de “Reconstruir a educação: assegurar o orçamento da educação e revogar o novo ensino médio”. É curioso observar que em nenhuma chamada dessas entidades nas redes sociais encontramos o nome de Lula ou referência direta ao seu governo. Isso indica que as direções, em especial a recém-eleita direção da UNE (PCdoB e PT), estão pressionadas pelas bases a combater um corte do governo que elas apoiam. No Congresso da UNE, no mês passado, o governo foi convidado para participar e teve amplo espaço no palanque. Em troca, esse mesmo governo, no dia 28 de julho, anunciou corte de R\$1,5 bilhão, que recaiu principalmente nas áreas de educação e saúde.

Trata-se do segundo contingenciamento do ano, que já totaliza R\$3,2 bilhões. Em maio, houve o bloqueio de R\$1,7 bilhão dos Ministérios das Cidades, Transporte e Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. É bom lembrar que até ano passado os cortes realizados pelo governo Bolsonaro geraram mobilização com o Tsunami da Educação. Não podemos deixar que o Tsunami vire agora uma “marolinha”.

A Corrente Proletária Estudantil do POR participa dessas manifestações com uma linha política oposta dessas direções, denunciando o governo de frente ampla, que ataca a educação. Mostra a raiz dessas medidas antipopulares de Lula/Alckmin, que correspondem à defesa dos interesses dos capitalistas.

O governo Lula ainda conta com o apoio de grande parcela da população, mas que, dia após dia, tem percebido que não é um governo que vai defender seus interesses e resolver seus problemas, principalmente a fome, a miséria, o desemprego, a informalidade, a

educação precária etc. É um governo que, para garantir o pagamento dos juros da dívida pública aos bancos e grandes capitalistas, criou um novo teto de gastos, chamado de arcabouço fiscal, e por isso está cortando verbas da saúde e educação. É um governo que manteve o salário mínimo de miséria de R\$1.320,00, quando o necessário para uma família se sustentar é R\$ 6.528,93, segundo o DIEESE. É um governo que se nega a revogar as contrarreformas dos governos Temer e Bolsonaro, como a trabalhista, previdenciária e ensino médio, bem como a lei da terceirização. Portanto, é um governo que não faz uma ruptura com os governos anteriores, mas dá continuidade naquilo que é mais importante, sua diretriz econômica, que afeta a vida da maioria oprimida do país.

Enfrentar os ataques dos governos estaduais aos trabalhadores e à juventude

Nos estados, a situação não é muito diferente, os governos defendem os ricos e atacam os direitos e as condições de vida dos pobres. Em Minas Gerais, Romeu Zema (Novo) tem tentado liderar a oposição de direita atacando o Nordeste e procurado formar uma aliança do Sul e Sudeste. E, junto com Bolsonaro, iniciou a privatização do Metrô-BH, concluída por Lula/Alckmin. Em São Paulo, o governador bolsonarista Tarcísio de Freitas (Republicanos) tem ido mais longe nos ataques: privatiza a SABESP, o METRÔ, CPTM e Porto de Santos; se nega a reajustar os salários dos servidores, o que levou os professores e funcionários do Centro Paula Souza (FATEC/Etec) a entrar em greve essa semana; manteve as escolas cívico-militares do estado; cortou os livros didáticos para deixar apenas os virtuais; retomou o controle ideológico nas escolas, obrigando os diretores a assistirem as aulas e fazerem relatório, uma forma de retomar o projeto “Escola sem Partido”; e promoveu a chacina pela polícia no Guarujá. No Rio de Janeiro, a situação não é melhor, o governo Castro tem avançado

com sua polícia assassina sobre os morros e favelas, o que levou a morte do estudante Thiago Menezes, de 13 anos, na Cidade de Deus.

No Paraná, o governo tenta privatizar a COPEL (energia elétrica) a qualquer custo, reduz os recursos para educação, restringe a substituição de professores e mantém as escolas militares. O governo do RS (PSDB), também tem avançado sobre os serviços públicos com as privatizações, como da CEEE e da Corsan, que já demonstra suas consequências nesse momento em que o estado atravessa desastres causados pelas mudanças climáticas; tem distribuído milhões em subsídios às multinacionais, enquanto retira direitos dos servidores públicos, como a destruição do IPE Saúde e a ameaça recente de demissão massiva de professores contratados do estado; também anunciou a manutenção das escolas cívico-militares e vem impondo a presença de "tutores pedagógicos" nas escolas para supervisão das aulas.

Em Pernambuco, Raquel Lyra (PSDB) vem reprimido de forma policial e judicial as lutas que despontam, criminalizou a greve dos professores estaduais antes mesmo de começar, não paga o piso da enfermagem, sua polícia prendeu o presidente do sindicato dos rodoviários durante a greve. Na região metropolitana do Recife, os metroviários estão em luta pela retirada do metrô dos planos de privatização do governo Lula. Na Bahia, a juventude pobre e negra continua a ser exterminada pela polícia de Jerônimo Rodrigues (PT). Já no RN, a governadora Fátima Bezerra (PT) age acionando a justiça burguesa para reprimir as greves na Saúde e no DETRAN, ataca o magistério parcelando o repasse do piso e impondo as Escolas de Tempo Integral (ETIs) em mais da metade da rede de ensino, expulsando os jovens trabalhadores da escola.

Como se vê, os governos estaduais e federal estão sob uma mesma orientação política geral, apesar de seus traços diferentes, um mais reacionário, outro mais liberal, todos eles defendem os capitalistas, e se contrapõem às necessidades mais elementares dos trabalhadores e, em particular, às da juventude oprimida. É por isso que não podemos livrar a cara de nenhum deles nessa manifestação. É preciso denunciar suas ações e organizar os estudantes para responder de forma coletiva e organizada.

Retomar os métodos de ação direta: greves, bloqueios e ocupações

Em 2013, 2015 e 2016, os estudantes mostraram toda sua força nas ruas para combater as medidas dos governos. A onda de ocupações de escolas foi uma grande mobilização organizada, que enfrentou os governos por

todo o país. Em 2013, as manifestações massivas fizeram os governos recuarem nos aumentos das passagens. Em 2015, em São Paulo, nas ocupações de escola contra o governo do agora vice-presidente Alckmin, os estudantes conquistaram uma importante vitória ao derrubar o Secretário da Educação e barrar a reorganização escolar, que fecharia 94 escolas. É preciso retomar essa história recente de luta, e usar os métodos próprios da classe operária e demais trabalhadores, como as paralisações, ocupações, bloqueios, piquetes e manifestações massivas, que parem a produção social, que chamem a atenção da maioria explorada e imponham derrotas aos governos e aos capitalistas.

A tarefa das direções estudantis é organizar a luta desde as escolas e universidades. É preciso imediatamente convocar as assembleias gerais de estudantes, discutir os problemas nas instituições de ensino e formar os comitês de luta. Essa manifestação não pode ser só simbólica, por ser o Dia do Estudante, deve ser o ponto de partida do movimento estudantil para combater os governos e capitalistas que atacam explorados. Que cortam os recursos e retiram os direitos. Não se pode vencer conciliando com aqueles que nos atacam, é preciso lutar com independência de classe.

A política proletária e revolucionária para a juventude

A Corrente Proletária Estudantil defende a realização de assembleias nas escolas e universidades para formar uma oposição revolucionária ao governo burguês de Lula/Alckmin, que seja capaz de responder aos ataques do governo federal e dos governos estaduais. A oposição revolucionária não se confunde em nada com a oposição bolsonarista, ao contrário se choca com as posições da ultradireita, pois deve ter programa próprio de reivindicações dos trabalhadores e da juventude oprimida: emprego para todos; aumento geral dos salários e reajuste de acordo com o aumento do custo de vida; revogação das reformas trabalhista, previdenciária e do ensino médio; fim das terceirizações e efetivação de todos os terceirizados; abaixo os cortes na saúde e educação; por um sistema de ensino único, público, gratuito, laico e vinculado à produção social. Contra as privatizações, pela reestatização, sem indenização, das empresas privatizadas e controle operário. Essas reivindicações só poderão ser conquistadas com a luta e organização dos estudantes junto à classe operária e demais trabalhadores, com seus métodos próprios.

Abaixo os cortes à educação e saúde!

Pôr em pé um movimento nacional de defesa da educação e da saúde públicas!



PARTICIPE DO GRUPO DE ESTUDOS DO MARXISMO DO POR

Reuniões nas terças-feiras, às 19h

Entre em contato para receber o link.

  [massas.por](https://www.instagram.com/massas.por) |  (11) 95446-2020

Informe-se também sobre as formações políticas presenciais da Corrente Proletária na Educação/POR, nos estados em que atuamos.



**SEM TEORIA
REVOLUCIONÁRIA
NÃO HÁ PRÁTICA
REVOLUCIONÁRIA**